

DA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA (GO): Possibilidades do olhar geográfico

Ângela Maria Martins Peixoto¹
Daniela Helena Silva²
Déborah Evellyn Irineu Pereira¹
Flávia Gabriela Domingos Silva²
Helena de Moraes Borges¹
Ivamauro Ailton de Souza³
Jéssyca Tomaz de Carvalho¹
Larissa Camilo Nunes¹
Leila Sobreira Bastos¹
Leonardo de Castro Araújo³
Luan do Carmo da Silva³
Mayara Teixeira Vieira²
Eguimar Felício Chaveiro*
Universidade Federal de Goiás
PET Geografia
petgeoufg@yahoo.com.br

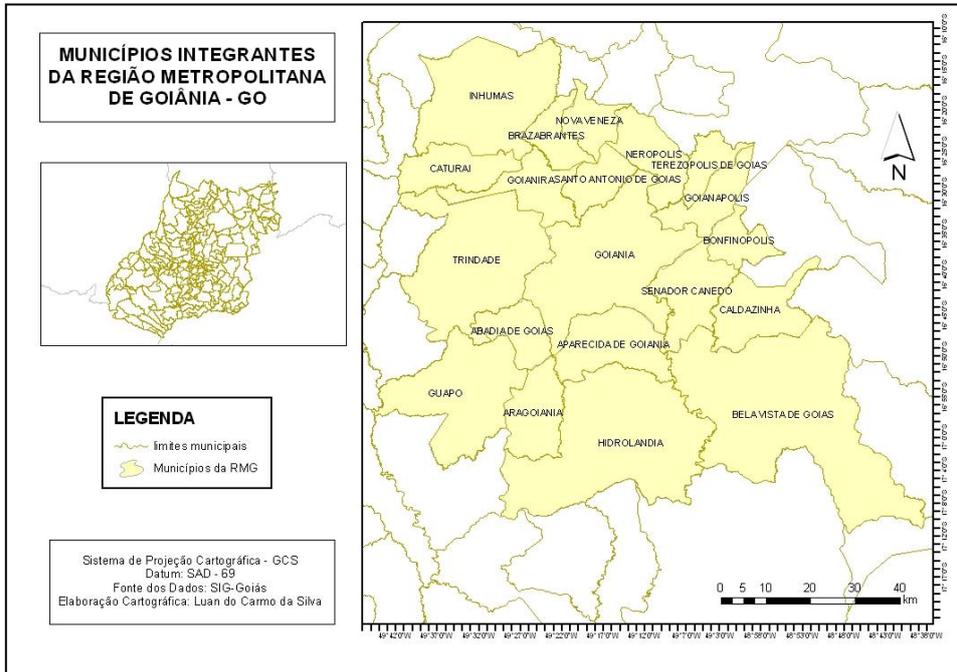
Introdução

A cidade de Goiânia, planejada na década de 1930, para inicialmente abrigar cinquenta mil habitantes, hoje comporta cerca de dois milhões de habitantes, distribuídos nos vinte municípios que compõem o seu espaço metropolitano atual, conforme pode ser constatado na figura 1.

O espaço metropolitano de Goiânia, assim como de qualquer outra metrópole, é múltiplo e desigual. O dinamismo da Região Metropolitana chama a atenção pelo crescimento que vem apresentando. Crescimento este impulsionado pelo agronegócio, pelas empresas que por aqui se instalam e pelo conseqüente aumento populacional propiciado pelas dinâmicas migratórias e melhorias nos serviços médico-hospitalar, oftalmológico, educacional e habitacional, além da oferta de empregos.

A profunda transformação da paisagem urbana é a consequência que pode ser observada de imediato. Essa nova dinâmica construtiva está produzindo uma paisagem urbana identificada nas porções mais consolidadas de Goiânia.

Figura 1 – Municípios integrantes da região metropolitana de Goiânia – GO



Elaborado por: Luan do Carmo da Silva, 2012.

Ao observar a metrópole goiana podem-se seguir linhas distintas de análise, uma vez que se têm, na literatura, três principais vias de análise para tal observação. Uma das propostas é observar a metrópole dando ênfase ao espaço intraurbano, outra consiste em observá-la preocupando-se principalmente com o espaço regional, e finalmente, pensar a cidade a partir do sujeito que nela habita e imprime suas territorialidades.

Importante salientar que tais maneiras de propor observações para a metrópole podem ser feitas utilizando mais de uma proposta, uma vez que a cidade não é só o concreto, ela é praticada e reinventada a partir do cotidiano dos sujeitos (CARLOS, 2004).

A perspectiva geográfica intenciona conhecer as relações socioespaciais, de maneira que palmilhar a região metropolitana torna-se de fundamental importância se o intuito é desvendar o urbano, a vida que acontece na cidade e a sociedade que constitui a realidade urbana. Foi a partir destas premissas que ocorreu o trabalho de campo na região metropolitana de Goiânia para que se pudesse buscar o enfoque geográfico presente nesta porção do território.

Visando exercitar as diferentes propostas de pensar a região metropolitana de Goiânia, o Grupo PET-Geografia da Universidade Federal de Goiás elaborou o referido trabalho de campo no qual foram escolhidos diferentes pontos de parada, sendo eles: Praça Cívica, em

Goiânia, Morro do Além, em Goiânia, Vila São Cotollengo, em Trindade, Setor Trindade II, em Trindade, e Jardins do Cerrado, em Goiânia, conforme observado na figura 2.

Figura 2: Espacialização dos pontos visitados



Organização: Luan do Carmo da Silva, 2011.

A escolha dos pontos de estudo aconteceu de maneira a atingir áreas consideradas pelo Grupo como importantes da região metropolitana, respeitando-se as limitações de tempo (o trabalho de campo iniciou às 8h com previsão de retorno para às 18h). A limitação do tempo justifica a não visitação de outros municípios da região, o que não impediu que os mesmos fossem mencionados nas ponderações realizadas no decorrer do trajeto.

Primeiro ponto: Praça Cívica

A atividade realizada pelo Grupo teve início na Praça Cívica (Fig. 03), local este que se destaca por expressar em sua paisagem as origens de uma cidade planejada no século XX, a qual à época ressoava como moderna.

A Praça Cívica, cujo nome oficial é Praça Dr. Pedro Ludovico Teixeira, possui a função administrativa. A localização da praça, concebida pelo modelo francês também chamado de racionalista, a tornava visível de muitos pontos da cidade, uma vez que as principais avenidas convergiam para a mesma a partir de um plano radial-concêntrico.

A Praça Cívica permanece com suas dimensões originais. Segundo Damascena (2000) a cidade de Goiânia nasce da Praça Cívica, daí sua importância como memória da cidade e lócus de objetos e monumentos importantes. A vivência dessa praça, conforme este autor dá-

se em função do crescimento e expansão de Goiânia, restringindo-se seu uso para o lazer. Nem por isso deixa de ter o seu valor histórico e cultural.

Segundo ponto: Morro do Além

Os morros do Além (região norte de Goiânia) (Fig. 03), Mendanha (porção norte do município) e Serrinha (porção sul do município) são os pontos de maior altitude em Goiânia, sendo as cotas altimétricas superiores a 750 metros de altitude.

Figura 03 – Vista da cidade de Goiânia a partir do Morro Do Além (região norte de Goiânia)



Foto: Ângela Maria Martins Peixoto, 2011.

Um dos motivos que levou a escolha deste ponto de observação corresponde a sua altitude e a conseqüente vista estratégica que o local oferece o que explicita a verticalização da cidade em toda sua amplitude. Assim, a partir da paisagem urbana privilegiada do local, foi possível fundamentar inúmeras questões, dentre elas, o crescimento urbano de Goiânia.

No que se refere à trajetória do crescimento urbano de Goiânia nota-se uma evolução da malha urbana, sobretudo uma paisagem vertical (edifícios) concentrados no eixo sul do município principalmente a partir da região central, mostra-se a influência intrínseca (da saída) de São Paulo. Logo, é notório que a cidade de Goiânia nasceu “olhando” para o Sul, seguindo a visão elitista da região sudeste, mais especificamente de São Paulo e Rio de Janeiro. Dessa forma, a região Norte de Goiânia ainda é considerada como uma região menos favorecida e ocupada da capital.

No entanto, essa configuração urbana vem apresentando mudanças, o que pode ser visto com a presença de condomínios horizontais e de chácaras nessa região, e que representa uma forte tendência no que diz respeito aos novos estilos de moradia.

A cisão do padrão de moradia entre a região norte e sul é reforçada pelas características geomorfológicas das regiões. Não se trata aqui de um determinismo ambiental, mas de uma preferência pelas áreas mais aplainadas. Um dos motivos que levaram a execução dos planos urbanísticos em Goiânia foi sua planura, o que facilitava o planejamento, o fluxo e rapidez, indispensáveis para a eminente indústria do automóvel.

Goiânia cresceu assim, voltada para o centro e região sul, região onde havia o subsistema de cerrado *stricto sensu* muito comum em áreas aplainadas. Nesse contexto, os vales e morros foram sendo ocupados pelas camadas menos favorecidas economicamente, reforçando essa cisão norte/sul. Tal ocupação foi dando origem a bolsões de pobreza consoante a devastação ambiental destas áreas.

Sobre a expansão desordenada, em específico na região noroeste, Moysés (2001) entende que o caminho percorrido pelo planejamento em Goiânia foi (des)urbanizador. Para o autor:

os territórios segregados (...) foram produzidos de forma deliberada e pensada pelo governo estadual. Como consequência, segregou-se sócio espacialmente um contingente elevado de pessoas, durante as duas últimas décadas, em condições extremamente precárias. Isto leva-me a pensar que o planejamento urbano voltado para atender as demandas das populações pobres e assentadas, sobretudo na Região Noroeste de Goiânia, reveste-se desse caráter paradoxal, ou seja, planeja-se a ocupação de espaços às avessas do recomendado pelo bom senso (MOYSES, 2001, p. 177).

Nessa leitura, pode-se verificar que o processo de formação da cidade é ininterrupto. Goiânia, seguindo esta tendência, apresenta diversas realidades urbanas, assim como a segregação espacial, a atual valorização de áreas antes desprivilegiadas e as novas formas de habitação que vêm reestruturando a paisagem da capital. Assim, percebe-se o gradual esfacelamento da dualidade norte/sul. O que se vê é a classe alta se interessando pelos vales e nascentes antes negligenciados.

Terceiro ponto: A Vila Cottolengo

A Vila São Cottolengo foi criada em 11 de fevereiro de 1951, em Trindade, pelo missionário Padre Gabriel Vilela, a partir da doação de uma fazenda da Diocese de Goiás. Inicialmente a Vila acolhia mendigos e pessoas doentes, que estavam em situação de abandono e miséria em Trindade, após a Romaria do Divino Pai Eterno. O crescente aumento de pessoas com deficiências físicas e mentais na Vila, fez com que a mesma fosse expandida e que buscasse novos parceiros. Atualmente, a Vila cuida de 365 pacientes com deficiências crônicas associadas e é mantida por recursos do Sistema Único de Saúde (SUS) e de doações. Neste ponto de parada, optou-se por não registrar-se fotograficamente, por entender que este tipo de registro poderia ser interpretado como um desrespeito aos pacientes da instituição.

Na Vila é realizado todo tipo de acompanhamento, mas o principal é o resgate da imagem e da privacidade de cada um. O intuito maior da instituição é mostrar aos pacientes e comunidade que pessoas com deficiência podem ter convívio social. O diferencial desta instituição é o carinho e o compromisso com os quais os pacientes são acolhidos e cuidados.

Quarto ponto: Jardim Cerrado

O Jardim do Cerrado é um residencial de moradias populares localizado na região Noroeste de Goiânia, na saída para município de Trindade. Trata-se de um programa de habitação vinculado à Secretaria Municipal de Habitação (SMHAB) em parceria com o Governo Federal, através do programa Minha Casa, Minha Vida. No ano de 2010 o residencial contava com aproximadamente 2.300 famílias⁴ que foram previamente cadastradas e selecionadas para serem contempladas pelo programa.

Durante a visita ao Jardim do Cerrado, foram discutidos temas como acesso – ou não – à habitação, segregação, marginalização, mobilidade espacial, "jogatinas" políticas, dentre outros que emergem enquanto problemas crônicos das regiões metropolitanas. O Jardim do Cerrado contempla bem esses temas e o olhar geográfico é indispensável para compreender as "tramas espaciais" que envolvem essa realidade.

No âmbito da paisagem, o que se percebe é uma longa extensão quase uniforme de pequenas residências, ora em locais já com infraestrutura básica implantada, ora na imensidão da lama e da concretização do sonho da casa própria. A uniformidade logo é vencida pela singularidade. As casas ganham novas cores, novas paredes, o lote ganha um jardim e um

varal. As famílias animam o lugar e dão conteúdo ao emergente bairro carregando-o de sentidos, significados, dramas, histórias, contradições e sonhos. Essa realidade pode ser observada na figura 04, que retrata uma situação cotidiana do bairro, na qual crianças brincam nas ruas ainda sem pavimentação.

A oportunidade de melhoria na qualidade de vida, por meio de habitações populares, esbarra em alguns problemas socioespaciais, como as distâncias entre a moradia e o trabalho, a territorialização do tráfico de drogas e a violência. Políticas públicas e medidas preventivas e mitigadoras deveriam, no âmbito do planejamento do próprio residencial, prover respostas e alternativas frente aos referidos problemas.

Figura 04: crianças brincando nas ruas do Jardim do Cerrado. Goiânia-GO, 2011



Foto: Jéssyca Tomaz de Carvalho, 2011.

Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que o residencial se materializa enquanto condição de habitação, e dessa forma como possibilidade à formação de direito e cidadania, se consolida também como lugar exclusivo de famílias pobres e marginalizadas, em outras palavras, o residencial reflete espacialmente a divisão de classe e a concretização da segregação socioespacial da cidade.

Quinto ponto: Trindade II

Diferentemente de Goiânia, a ocupação de Trindade não se consolidou a partir de um planejamento prévio, o que influenciou na desigual distribuição da população por este

território. Um exemplo disso pôde ser observado em uma porção territorial afastada da sede deste município, denominada Trindade II.

Segundo Rodrigues; Barreira e Chaveiro (2008) objetivando aproximar Trindade da capital do estado e a partir do decreto lei nº. 239 de 21 de março de 1978, o qual instituía acerca dos novos limites do perímetro urbano desta cidade, a área que compreende Trindade II foi construída, caracterizando-se tanto por apresentar precária infraestrutura, quanto por se constituir como: “uma ruptura com o núcleo urbano inicial, ou seja, com a sede do município, fragmentado tanto a cidade quanto seu espaço urbano” (RODRIGUES; BARREIRA; CHAVEIRO, 2008, p. 61).

Dessa forma, dentre os fatores que impulsionaram a ocupação populacional de Trindade II, a quantidade de indústrias que se instalou nesta área, devido principalmente aos incentivos fiscais; o baixo preço dos terrenos e a proximidade com Goiânia fizeram com que esta porção territorial viabilizasse a oportunidade de emprego e a conquista da casa própria, além de facilitar a migração pendular dos sujeitos que trabalhavam na capital. Configurando-se assim, como uma área de atração, sobretudo à população de baixo poder aquisitivo.

Um aspecto percebido a partir da observação da paisagem de Trindade II é a carência na infraestrutura (Fig. 05), sendo que a precariedade dos serviços básicos não se constituiu como um impedimento ao processo de construção desta área. Sobre isso Rodrigues; Barreira e Chaveiro (2008, p. 63) estabelecem que:

Essas áreas [Trindade II], em início de construção, estavam livres de saneamento básico tais como rede de água, esgoto, asfalto ou mesmo escolas que atendessem a demanda local, incorrendo em futuras pressões sociais pelo acesso a estes serviços e na oneração dos cofres públicos devido às grandes distâncias com a sede municipal.

Figura 05 – Trindade II: o “esquecimento” formal entre Goiânia e Trindade.



Foto: Ângela Maria Martins Peixoto, 2011.

Deve-se considerar que grande parte dos setores de Trindade II ainda apresentam problemas relacionados à infraestrutura e que a maioria das famílias residentes nesta área possuem baixo poder aquisitivo. Com isso, pode-se afirmar que município de Trindade apresenta duas porções territoriais bastante distintas: a primeira ligada ao passado religioso, o qual deu base para o surgimento do município, e que é bem representado pela Igreja e suas diversas ramificações (como é o caso da Vila São Cottolengo) e a segunda ligada ao recente distanciamento de Trindade de seu núcleo original, representado pela área conhecida como Trindade II.

Considerações Finais

Com este trabalho de campo pode-se compreender que a dinâmica socioeconômica de uma região metropolitana se manifesta de diferentes formas. Quando se analisa cada cidade de determinada região, e dessa cidade os bairros que a compõe, é explicitado que estes também se configuram de forma heterogênea, de acordo com a sua função: como o setor central de Goiânia, cujo caráter em primeira instância era administrativo, ou o Jardim Cerrado cuja função é a habitação de pessoas de baixa renda.

Neste sentido, o trabalho de campo foi importante para a que o Grupo PET- Geografia pudesse constatar essas diferentes realidades presentes em dois municípios da região

metropolitana de Goiânia-GO (Goiânia e Trindade) e mesmo as disparidades socioeconômicas e físico-naturais existentes em um mesmo município.

O trabalho de campo constituiu-se como uma forma positiva de estabelecer, de fato, um olhar geográfico sobre a metrópole, haja vista que em todas as paradas, seguindo um roteiro previamente sistematizado, houve orientações do Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro, que com a exposição de seus conhecimentos, indagações, e esclarecimento de dúvidas possibilitou ao grupo pensar e compreender as diferentes funções e formas que compõe uma cidade, sendo que estas sofrem influência do seu período histórico e se expressam na paisagem.

Notas

¹ Graduandas do curso de Geografia/UFG. Bolsistas PET-Geo/UFG.

²Graduadas em Geografia/UFG. Ex-Bolsistas PET-Geo/UFG.

³Mestrandos em Geografia/UFG. Ex-Bolsistas PET-Geo/UFG.

*Professor Adjunto do curso de Geografia/UFG. Tutor do PET-Geo/UFG.

⁴ Disponível em: <<http://www.jornaldaimprensa.com.br/Editorias/11122/Residencial-Jardim-cerrado-tem-todas-suas-mais-de-2.300-casas-ocupadas>> Acessado em 21/12/2011.

Referências

CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CLAVAL, P. **Geografia e Dimensão Espacial: A importância dos processos na superfície da terra**, in: Geografia e Cultura: Os Lugares da Vida e a Vida dos Lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008 Pg. 17.

DAMASCENA, J. A. **As Multifuncionalidades da Praça Cívica de Goiânia**. Monografia de Bacharelado. Goiânia, apostila, 2000.

MOYSÉS, A.; SILVA, E. R.; BORGES, E. M. & RIBEIRO, M. G. **Da Formação Urbana Empreendedorismo Imobiliário: A nova face da metrópole goianiense**. MERCADTOR – Revista de Geografia da UFC. Ano 6, n. 12 Fortaleza, 2007.

MOYSÉS, A.; SILVA, E. R.; BORGES, E. M. **Dinâmica imobiliária e a nova paisagem urbana da RM de Goiânia: o impacto da produção de Alto Nível**. XIII Encontro Nacional da ANPUR – Florianópolis/SC, 2009

MOYSÉS, A. **Contradições de uma cidade planejada no planalto central brasileiro: segregação sócio-territorial em Goiânia.** Tese (doutorado em Ciências Sociais). São Paulo: Departamento de Ciências Sociais da PUC-SP, 2001.

RODRIGUES, W. J.; BARREIRA, C. C. M. A.; CHAVEIRO, E. F. Trindade e o abraço ingrato da MetrÓpole: Uma análise sócioterritorial de Trindade II. In: **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 27 set/2008, p. 56-69. Disponível <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>. Acesso em: 09 fev, 2012.